

# AS FONTES DE CONHECIMENTO DOS TREINADORES DE JOVENS ATLETAS DE BASQUETEBOL

Heitor de Andrade Rodrigues<sup>1</sup>  
Gustavo De Conti Teixeira Costa<sup>2</sup>  
Eugênio Lopes dos Santos Junior<sup>3</sup>  
Michel Milistetd<sup>4</sup>

---

## RESUMO

O objetivo da pesquisa foi investigar as fontes de conhecimento que sustentam o processo de formação e o desenvolvimento profissional de treinadores de jovens atletas de basquetebol. A metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, do tipo exploratória. A técnica de coleta de dados foi a entrevista semiestruturada e a técnica de análise foi a análise de conteúdo. Os sujeitos participantes da pesquisa foram seis treinadores de basquetebol de jovens atletas. Os resultados revelaram que a formação e o desenvolvimento profissional dos treinadores ocorreram por meio de fontes diversificadas de conhecimento, com destaque para a internet, o diálogo com treinadores experientes, as experiências como atleta, as experiências do cotidiano de trabalho, o curso de Educação Física e os cursos de curta duração. Identificou-se, ainda, a predominância de aprendizagens no contexto informal fora do ambiente educacional institucionalizado.

**Palavras-chave:** Formação. Conhecimento. Treinador. Basquetebol.

---

- 
- 1 Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia/Goiás, Brasil. E-mail: triheitor@yahoo.com.br
  - 2 Doutor em Ciências do Esporte. Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia/Goiás, Brasil. E-mail: conti02@hotmail.com
  - 3 Graduado em Educação Física. Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia/Goiás, Brasil. E-mail: eeugenio1sj@gmail.com
  - 4 Doutor em Educação Física. Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis/Santa Catarina, Brasil. E-mail: michel\_canhoto@hotmail.com



---

## SOURCES OF KNOWLEDGE OF YOUTH BASKETBALL COACHES

### ABSTRACT

The purpose of this research was to investigate the sources of knowledge that underpin the process of training and professional development of youth basketball coaches. The methodology was qualitative and exploratory. Semi-structured interviews were used and the analysis was based on content analysis. The participants were six youth basketball coaches. The results revealed that the training and professional development of coaches came through diversified sources of knowledge, especially the internet, dialogue with experienced coaches, experiences as athlete, experiences in daily work, Physical Education program and short courses. These evidences revealed the predominance of informal learning outside of institutionalized educational context.

**Keywords:** Development. Knowledge. Coach. Basketball.

## FUENTES DE CONOCIMIENTO DE ENTRENADORES DE JÓVENES ATLETAS DE BALONCESTO

### RESUMEN

El objetivo de la pesquisa fue investigar las fuentes de conocimiento que sustentan el proceso de formación y desarrollo profesional de los entrenadores de jóvenes atletas de baloncesto. La metodología fue de tipo cualitativa y cuño exploratorio. La técnica de recolección de datos fue la entrevista semi-estructurada y el análisis fue el análisis de contenido. Los participantes fueron seis entrenadores de baloncesto de los atletas jóvenes. Los resultados revelaron que la formación y el desarrollo profesional de los entrenadores llegaron a través de distintas fuentes de conocimiento, especialmente internet, el diálogo con entrenadores con experiencia, las experiencias como un atleta, las experiencias de trabajo diario, el curso de Educación Física y cursos cortos. También se identificó el predominio del aprendizaje informal, fuera del ambiente educativo institucionalizado.

**Palabras clave:** Formación. Conocimiento. Entrenador. Baloncesto.

---

## INTRODUÇÃO

O interesse pela formação do treinador (*coach education*) e seu processo de desenvolvimento profissional (*coaching development*) vêm crescendo significativamente, principalmente em países desenvolvidos como o Canadá, Austrália, Reino Unido e Estados Unidos<sup>5</sup>, o que tem sido acompanhado pelo crescimento de pesquisas sobre o treinador (TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010). Gilbert e Trudel (2004) em levantamento sobre a produção acadêmica relacionada à temática do treinador em periódicos de língua inglesa, no período de 1970-2001, identificaram e analisaram 610 artigos distribuídos em 161 periódicos científicos. Entre as diversas informações relevantes, vale destacar que no início da década de 1970 a média de artigos publicados ao ano era de 1,8; já no início da década de 2000, a média de artigos publicados ao ano subiu para trinta. No Brasil, registra-se crescimento do número de publicações, em periódicos nacionais, a partir de 2009, todavia de maneira tímida e sem uma agenda clara de pesquisa (GALATTI et al., 2016).

Dentre os assuntos pesquisados destacam-se, no contexto internacional, as investigações que buscaram identificar as fontes de conhecimento dos treinadores. Sobre esse assunto, há consenso entre diversos pesquisadores de que a aprendizagem profissional do treinador esportivo ocorre por meio de fontes diversificadas de conhecimento (CUSHION; LYLE, 2010; JIMÉNEZ; LORENZO; GÓMEZ, 2009; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; MALLET et al., 2009; NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; TRUDEL; GILBERT, 2006; WERTHNER; TRUDEL, 2006; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007). Acrescenta-se, ainda, que a aprendizagem no contexto da educação formal tem um impacto limitado sobre a prática do treinador e que a aprendizagem experiencial é a fonte primária para obtenção de conhecimento (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; GILBERT; TRUDEL, 2001).

Para citar um exemplo, Jiménez, Lorenzo e Gómez (2009), em investigação sobre as fontes de conhecimentos de 16 treinadores de basquetebol *experts*, identificaram, entre as fontes mais valorizadas, a aprendizagem situada, um tipo de aprendizagem que ocorre nas experiências práticas do treinador, com as circunstâncias diárias, solucionando os problemas que emergem no cotidiano do treino. A aprendizagem situada é seguida por outros meios informais bastante valorizados, como a prática reflexiva, durante e depois dos treinos e partidas; o *mentoring*; e a aprendizagem compartilhada, que ocorre pela interação com outros treinadores por meio de conversas, discussões e observações. Entre outras experiências mencionadas pelos autores, mas sem o mesmo impacto, encontram-se as comunidades de prática, as experiências como jogador, o acesso à literatura específica e cursos de formação.

---

5 Para ilustrar, citamos a criação de programas de certificação de treinadores: *National Coaching Certification Program* (Canadá), *National Coach Accreditation Scheme* e o *Australian Institutes and Academies* (Austrália), *United Kingdom Coaching Certificate* (Reino Unido), e *National Standards for Sport Coaches* e o *National Council for the Accreditation of Coach Education* (Estados Unidos).

A compreensão detalhada sobre as fontes de conhecimento dos treinadores pode contribuir para a reflexão sobre o processo de formação<sup>6</sup> e desenvolvimento profissional<sup>7</sup> de treinadores no Brasil. Em outras palavras, os resultados desse tipo de pesquisa podem oferecer informações relevantes sobre as preferências formativas dos treinadores, enfim, pode oferecer subsídios para a elaboração de propostas consistentes de formação desse grupo profissional.

No caso específico do Brasil as pesquisas sobre as fontes de conhecimento dos treinadores adquirem contornos específicos, isso porque a graduação em Educação Física é uma exigência para atuação profissional na maioria das modalidades esportivas (BRASIL, 1998), o que não é uma realidade em boa parte dos países com pesquisas consolidadas sobre esse assunto (Canadá, Inglaterra, Estados Unidos), nos quais a formação superior em Educação Física/Ciências do Esporte é uma possibilidade e não uma exigência para atuar como treinador. Essa realidade de formação nacional tem despertado o interesse e a curiosidade da comunidade científica internacional (MILISTETD et al., 2014), uma vez que há o entendimento de que a formação em nível superior traz benefícios para a qualificação dos treinadores e maior reconhecimento social para a profissão de treinador (INTERNATIONAL SPORTS COACHING FRAMEWORK, 2013).

Todavia, a despeito das exigências específicas da realidade brasileira, as poucas pesquisas realizadas no contexto nacional têm confirmado os resultados internacionais, sobretudo em relação à prevalência das fontes informais na obtenção de conhecimento necessário à prática profissional. Em pesquisa com quatro treinadores brasileiros de basquetebol vinculados à formação esportiva, Ramos et al. (2011) identificaram que a aprendizagem experiencial tem um papel destacado no processo de aprendizagem profissional do treinador, com destaque para a observação de treinadores experientes e a prática reflexiva (reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão retrospectiva sobre a ação).

Diante desses elementos, o objetivo da pesquisa foi investigar as fontes de conhecimento que sustentam o processo de formação e o desenvolvimento profissional de treinadores de jovens atletas de basquetebol.

Nossa hipótese é que os treinadores de basquetebol de jovens atletas aprendem a profissão por meio de fontes diversificadas de conhecimento e o curso de graduação em Educação Física não exerce papel decisivo na formação dos treinadores.

---

6 Em um sentido amplo nos referimos ao termo formação para designar os processos formativos que ocorrem predominantemente em instituições de formação (universidade, escola, escola de treinadores), por meio do oferecimento de cursos, oficinas, congressos, seminários, orientados para a transmissão de conhecimentos teóricos, sendo desenvolvidos por professores e profissionais especialistas em suas áreas de atuação (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2009).

7 O termo desenvolvimento profissional põe em evidência os processos formativos (formais ou informais) que ocorrem no terreno profissional. Ao contrário das práticas tradicionais de formação, é um processo em longo prazo, centrado na prática profissional, contextualizado nas demandas do trabalho, que incluem os cursos, mas, sobretudo as oportunidades de aprendizagem experiencial (MARCELO, 2009).

## MATERIAL E MÉTODO

### Tipo de pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa, com ênfase para a descrição e interpretação do objeto investigado, em nosso caso específico as fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas.

Do ponto de vista da abordagem metodológica, optamos pela pesquisa do tipo exploratória (GIL, 2008). A opção por essa abordagem metodológica se justifica por ser nossa primeira aproximação com esse objeto de pesquisa, o que nos permitiu testar hipóteses primárias, relativamente abrangentes e, com isso, formular novas hipóteses sobre as fontes de conhecimento dos treinadores de basquete de jovens atletas.

### Técnica de coleta e análise dos dados

Para coleta de dados optamos pela entrevista semiestruturada. De acordo com Gil (2008) a entrevista semiestruturada é um tipo de entrevista que apresenta um nível de estruturação por meio de temas ou perguntas-chaves, em que o entrevistado tem a oportunidade de transcorrer sobre um determinado assunto livremente. Ao mesmo tempo, permite ao entrevistador aprofundar questões não previstas no roteiro.

No sentido de orientar o desenvolvimento da entrevista construímos um roteiro prévio de questões, o qual nos permitiu obter informações de identificação pessoal e profissional dos sujeitos participantes, bem como informações relativas ao objeto de estudo, conforme descrição abaixo (Quadro 1).

As entrevistas foram agendadas por meio de contato telefônico e realizadas em encontro único no local de trabalho dos participantes. A duração média das entrevistas foi de 45 minutos, sendo necessário, em média, 120 minutos para transcrição de cada uma delas. Em uma das entrevistas, após transcrição, foi preciso retomar o contato com o participante, no sentido de esclarecer informações julgadas superficiais.

### Quadro 1 – Roteiro de questões

1. O que é preciso saber para ensinar basquetebol? Ou seja, quais são os conhecimentos necessários para ser treinador de basquetebol?
2. Como você aprendeu a ser treinador? Ou seja, em quais contextos sociais obteve seus conhecimentos?
3. Como você obtém os conhecimentos necessários a sua atuação como treinador?
4. Qual o papel das experiências como jogador na constituição dos seus conhecimentos para ser treinador?
5. Qual o papel do curso de Educação Física na aquisição dos seus conhecimentos para ser treinador?
6. Qual o papel das experiências de trabalho na constituição dos seus conhecimentos para ser treinador?

Para análise dos dados optamos pela análise de conteúdo. Franco (2007) descreve a análise de conteúdo como um procedimento de pesquisa sustentado por uma abordagem epistemológica e metodológica que reconhece o papel do sujeito, nesse caso o pesquisador, na produção do conhecimento. Para o desenvolvimento da análise Franco (2006) sugere pelo menos duas etapas, quais sejam: a pré-análise (escolha dos documentos, elaboração de hipóteses e indicadores) e a análise propriamente dita [definição das unidades de análise (registro e contexto) e definição de categorias].

No caso da presente pesquisa as entrevistas foram gravadas por meio de gravador digital e transcritas integralmente pelos pesquisadores. Com as transcrições em mãos foi realizada uma análise compreensiva de cada entrevista e, na sequência, foi feita uma análise comparativa do conjunto das entrevistas.

### Treinadores investigados

Para a seleção dos treinadores investigados definimos alguns critérios que pudessem orientar e delimitar o universo de escolha dos participantes, quais sejam: (1) treinadores de basquetebol que atuassem com a formação de jovens atletas, (2) formados em Educação Física ou que estivessem, eventualmente, realizando o curso e (3) que demonstrassem interesse e disponibilidade em participar do estudo.

Após a definição dos critérios, entramos em contato com a Federação Goiana de Basquetebol, representante do basquetebol no Estado de Goiás, no intuito de obter a lista dos treinadores vinculados à instituição e que pudessem ser convidados a participar do estudo. Com base nas informações obtidas na Federação e no contato pessoal com os treinadores, selecionamos seis treinadores que se enquadraram aos critérios estabelecidos. Por uma questão de acesso presencial aos treinadores foram selecionados aqueles residentes na cidade de Goiânia ou em municípios da região metropolitana.

Com a intenção de caracterizar os treinadores investigados descrevemos abaixo (Quadro 2) as informações relevantes sobre a formação (curso, instituição, ano de ingresso/conclusão), os anos de experiência profissional e idade dos participantes.

### Quadros 2 – Dados gerais sobre a formação e experiência dos treinadores

	Graduação	Instituição*	Ingresso/Conclusão	Experiência	Idade
T1	Licenciatura Ed. Física	Uni. Federal de Goiás	2009/2014	7 anos	25
T2	Licenciatura Ed. Física	Uni. Estadual de Goiás	1998/2005	15 anos	36
T3	Licenciatura/ Bacharelado Ed. Física	Universo	2009/2013	2 anos	43
T4	Licenciatura Ed. Física	Uni. Estadual de Goiás	1976/1980	28 anos	57
T5	Licenciatura Ed. Física	Faculdade Araguaia	2010/em formação	5 anos	25
T6	Licenciatura Ed. Física	Uni. Estadual de Goiás	1970/1974	45 anos	65

Fonte: pesquisa direta. Elaboração do pesquisador.

Os treinadores possuem experiências com diversas categorias de formação esportiva (do sub 12 ao sub 19), dois deles já assumiram seleções estaduais masculinas e femininas (T2 e T4). No que diz respeito aos cursos de formação continuada, dois treinadores (T2 e T4) realizaram os cursos de nível I e II da Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol e um (T6) relatou ter realizado clínicas com treinadores nacionais e estrangeiros.

Registra-se, ainda, que a presente investigação é parte de um projeto mais amplo sobre a formação de treinadores de basquetebol aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CAAE – nº 11226312.0.0000.5404) e que a mesma foi realizada com o consentimento dos treinadores.

## RESULTADOS

No percurso das entrevistas os treinadores enunciaram suas percepções sobre os conhecimentos apreendidos em diversos contextos e episódios de suas histórias de vida e expressaram um conjunto de concepções, crenças, valores envolvidos no processo de formação e desenvolvimento profissional que parecem indicar não apenas as fontes de conhecimento, mas talvez, a partir de um conceito mais abrangente, o desenvolvimento da sua filosofia de trabalho.

### Conhecimentos, crenças e valores: saberes valorizados pelos treinadores

Em relação ao que os treinadores acreditam ser preciso saber para ensinar o basquetebol nas categorias de formação encontramos um número significativo de conhecimentos que se relacionam com a base específica do próprio esporte. Os treinadores afirmaram que é preciso conhecer os aspectos técnicos e táticos da modalidade (T1, T2, T3 e T6), as regras específicas (T1 e T2) e o processo pedagógico de ensino (T3 e T4). Relatam, ainda, a importância de conhecimentos científicos (T1, T3) vinculados às áreas biológicas e comportamentais, os quais podem auxiliar, respectivamente, na preparação física e psicológica dos atletas.

Acredito assim, para você ser um treinador de basquetebol, para você ensinar o basquetebol precisa ter um conhecimento mínimo, a respeito do universo da própria modalidade, que inclui regras, fundamentos, aspectos táticos, técnico. Minimante ter um pouco de entendimento a respeito da parte biológica do sujeito se for pensar a respeito de condicionamento físico (T1).

[...] o basquete não é só técnica né! Tem fatores além em quadra, que é os fatores psicológicos, emocionais que estão diretamente relacionados com o jogo também, não basta só o jogador ter um domínio das técnicas de ataque, tem que ter domínio também da sua emoção (T3).

Os relatos dos treinadores revelam, também, um conjunto crenças e valores que permeiam os saberes desses profissionais. Destaca-se a crença de que o treinador deve dominar os fundamentos técnicos da modalidade, de preferência ter sido uma atleta ou praticante da modalidade (T6 e T4).

[...] atleta quando ele tem conhecimento com um técnico, quando ele tem aprendido com um técnico que te traz realmente a performance do movimento, da perfeição, da mecânica, da extensão de braço, do punho, da perna, do giro, para conseguir uma força necessária para jogar a bola, vários conhecimentos que eu tenho hoje, grande parte deles veio como atleta (T4).

Em relação aos valores, os entrevistados apontaram que é preciso ter amor e dedicação ao esporte e à profissão (T3 e T4). A exemplo do que T4 afirma: “[...] o amor pela modalidade que eu tenho me fez ser muito mais interessado e com isso buscar novos conhecimentos e amar o que faço né, não só por ter a necessidade de sobrevivência como também amar o que faço”.

A emergência de conhecimentos, crenças e valores na fala dos treinadores parece indicar um processo formativo sustentado pela apropriação de conhecimentos profissionais, com base científica, mas que ainda permanece fortemente arraigado aos saberes experienciais, aos saberes que se adquire pela imersão na cultura esportiva, ancorados em outras racionalidades que não a científica, o que sugere que a formação e o desenvolvimento profissional dos treinadores investigados guardam resquícios de uma ocupação fundada na vocação e que tem, progressivamente, evoluído para uma lógica de profissão.

### **Fontes de conhecimento valorizadas pelos treinadores**

Em complemento aos conhecimentos e valores necessários à atuação profissional os participantes foram questionados sobre os contextos sociais em que esses saberes foram apropriados. Com base nessas informações identificamos um conjunto de seis fontes de conhecimentos (Figura 1).

Com elevada frequência entre os entrevistados, o uso recorrente da internet (T1, T2, T3, T5, T6) foi o mais referenciado, pelo fato de ser um meio dinâmico de acesso à informação através de sites, artigos e livros online:

Atualmente eu sou cadastrado em quatro sites americanos, recebo diariamente conteúdo, desde exercícios, programas de preparação física, preparação tática, técnica e além dos cursos que a confederação faz [...] e também dos artigos que eu procurei na internet, eu me reservo todos os dias, pelo menos dez minutos para procurar coisas de basquete, para poder incrementar e desenvolver e estar atentando ao que está acontecendo (T2).



**Figura 1** - Fontes de conhecimento

A experiência enquanto atleta também foi evidenciada pela maioria dos entrevistados, valorizando os conhecimentos adquiridos no esporte e também o papel de seus ex-treinadores (T1, T2, T4 e T6).

[...] mas os conhecimentos que eu adquiri foi ao longo da minha vida como atleta, inclusive como professor, então muito treinamentos que eu dou muitas coisas que eu faço, quando eu comecei, a base que eu peguei foi quando eu era atleta (T1).

Em primeiro momento eu tentei me espelhar nos técnicos que eu tive, os professores que eu tive, vendo as qualidades positivas e negativas de cada um e comecei a desenvolver meu próprio, minha própria maneira de estar desenvolvendo a aula e estar desenvolvendo o treinamento (T2).

Os resultados revelaram ainda, para grande parte dos entrevistados, a importância das conversas, trocas de informações e observação do trabalho de outros treinadores (T3, T4, T5 e T6).

Busco com os treinadores que eu já conheço, que eu já treinei, tenho contato com treinadores profissionais, tenho contato com treinador do Bauru, tenho contato com o auxiliar técnico do Flamengo, que foi meu treinador, que me passa muito material [...] (T5).

[...] com a experiência de treinadores mais antigos, mais experientes que eu, eu também vou aprender, assim, o que eu tenho hoje é vivendo a minha própria experiência, mas que para que eu me transforme em um treinador de maior qualidade eu tenho que viver a experiência de outros treinadores, manter contato com eles (T3).

A atuação prática do dia-a-dia (T1, T3, T4 e T5) também foi referida como uma importante fonte de conhecimento.

[...] a gente de fato aprende, a gente sintetiza o conhecimento, a gente vai para a prática, para o campo e coloca isso tudo que a gente tem para funcionar e quando a gente está dando aula, dando fundamento, não é da mesma forma que a gente imaginou que ia ser (T1).

[...] mas vou falar para você, o que mais me fez aprender isso tudo, o que mais me fez ganhar experiência foi a minha própria vivência, viver aqui dando aula na iniciação infantil, porque eu treino a base do sub-13, sub-15 sub-17, sub-19 e cada fase, de uma mudança de uma fase para a outra os meninos vão aprendendo e eu também vou aprendendo a lidar dentro de cada uma das categorias, das faixas etárias [...] (T3).

Além das oportunidades informais de aprendizagem, a preparação formal e não formal foi reconhecida, por meio dos cursos de Educação Física (T1, T4 e T6) e dos cursos especializados de curta duração (T2, T3 e T4):

[...] a faculdade, o ingresso na vida acadêmica me ajudou um pouco mais a ter referência, ter uma coisa um pouco mais estruturada para justificar minhas aulas, para ter um pouco mais de qualidade durante meus treinamentos. [...] na formação de professor assim, se aprende muito a planejar aula, estruturar o planejamento que vai te dar uma base para você realizar sua aula, realizar seu treinamento [...] a própria disciplina de basquetebol me fez entender um pouquinho mais a respeito do ensinamento do basquetebol (T1).

[...] eu participei, não integralmente, do curso de formação de treinadores promovido pela “escola nacional de treinadores de basquete”, fiz só uma parte dele em um módulo que foi o módulo dois, não tive o módulo um, não peguei o módulo um e também não fiz o módulo três (T3).

### **Conteúdos percebidos em suas experiências de aprendizagem**

No intuito de aprofundar o entendimento sobre o conhecimento dos treinadores, os participantes foram questionados sobre os conteúdos aprendidos ou o papel desempenhado pelas diferentes fontes de conhecimento.

A elevada quantidade de informações disponíveis na internet representa uma oferta variada de conteúdos que os treinadores frequentemente acessam e se relacionam, principalmente, aos exercícios de treinos técnico-táticos e físicos (T1, T2, T3, T5, T6):

[...] um recurso muito bom que eu uso é a internet. Porque lá a gente consegue achar diversas coisas, treinamentos táticos a treinamentos técnicos dentro de todos os fundamentos do basquetebol, então se você tiver boa vontade né, conhecimento, paciência, disciplina, insistência e persistência você acaba aprendendo [...] (T3).

Sobre o papel das experiências como atleta na constituição de seus conhecimentos, os treinadores relataram ter aprendido aspectos relativos ao relacionamento treinador-atleta, sobretudo as maneiras de cobrar os atletas no dia-a-dia de treinamento (T1 e T5) e o respeito a eles (T4):

[...] então aquela vivência que você teve, vamos dizer aqueles puxões de orelha, aquelas chamadas de atenção do seu técnico, você leva isso para frente e pode cobrar dos seus atletas, inclusive experiências de jogos, campeonatos, e até a parte comportamental que se tem durante uma competição, durante o próprio treino assim [...] (T1).

[...] exemplo, vejo valores que eu trago por dia a dia na minha profissão, não chamo um garoto de apelido, não gosto que os alunos tratem mal os colegas tudo isso me facilitou um pouquinho para dosar qual o caminho a tomar, o lado do atleta me fez me formar um técnico mais compreensivo e ao mesmo tempo saber das individualidades (T4).

No que diz respeito ao relacionamento com outros treinadores destaca-se a possibilidade de acesso a um rico acervo de materiais didáticos sobre o treino, os quais são compartilhados pelos treinadores. Além disso, o contato com treinadores mais experientes oferece a oportunidade de observação e de aconselhamento, nos moldes do *mentoring* informal, no qual o treinador mais experiente representa uma espécie de mestre que orienta o trabalho do jovem treinador, seja pela reprodução de um modelo ou pela reflexão sobre o próprio trabalho desencadeada pelo contato com o mentor/mestre.

[...] para que eu me transforme em um treinador de maior qualidade eu tenho que viver a experiência de outros treinadores, manter contato com eles [...] isso enriquece de mais meu conteúdo, faz com que eu reflita na forma com que eu trabalho e faz com que eu aprenda novas técnicas de trabalho (T3).

[...] foi meu treinador, que me passa muito material porque ele atuou como técnico no Havaí, ele teve uma experiência muito boa, eu busco em cima disso, é conhecimento concreto e coerente. [...] não busco um treinador que tem a filosofia diferente da minha, busco um treinador que visa a mesma coisa e parto dos princípios que eu já tenho e vou agregando a partir dos princípios dos outros que acho coerente para ensinamento do basquete (T5).

Sobre o papel das experiências de trabalho apontaram, principalmente, a sintetização do conhecimento como uma forma de autoaprendizagem (T1 e T5), a reflexão realizada sobre a prática (T3 e T5) e a adaptação dos treinamentos de acordo com as necessidades dos alunos (T4 e T6):

[...] as vezes a gente tem um grupo de alunos, eu tenho alunos que mal conseguem jogar uma bola na cesta, como que você vai trabalhar com isso? Então é preferível que você use um pouquinho do lúdico da bola na parede, de receber a bola do co-

lega e vai implantando uma situação nova a cada dia, porque tudo isso se você não tem motivação para exercer essa profissão acaba que você cai na repetição [...] se eu consigo fazer todo dia uma coisa nova, me motiva também, se vinte oito anos eu estou fazendo as mesmas coisas, me desmotiva, então a cada dia a gente implanta uma situação inovada, uma nova inspiração para trazer novos conhecimentos para dentro da quadra, é uma luta diária (T4).

Em relação ao papel do curso de Educação Física os treinadores tiveram variadas percepções sobre os conteúdos aprendidos. Entre elas, destacaram que a formação inicial é responsável por oferecer conhecimentos sobre aspectos fisiológicos e anatômicos para a preparação física (T2 e T4), aspectos psicológicos e emocional dos atletas (T2 e T3), conhecimentos sobre didática (T1, T4), conhecimentos nutricionais (T2), informações gerais sobre o universo da modalidade (T6), conhecimento geral sobre a sociedade (T5), aspectos sobre a gestão de pessoas (T2), entre outros. Alguns exemplos dessa variedade de percepções são apresentadas pelos trechos das falas abaixo:

[...] os dribles, a sequência pedagógica da bandeja, tudo isso eu aprendi na escola (faculdade) né, a pedagogia, a própria fisiologia do esforço, a anatomia, conhecimento dos músculos, dos ossos tudo isso me facilita muito você trocar uma ideia com seu aluno (T4).

[...] formação o curso de educação física é extremamente importante nessa questão de passar uma bagagem não só especificamente da modalidade basquete, mas englobar todo o aluno, todos os aspectos do aluno, parte psicológica, física, noções de nutrição de sociabilidade dos garotos (T2).

## DISCUSSÃO

Conforme enunciamos na introdução, no âmbito da discussão sobre a formação e desenvolvimento profissional de treinadores, o objetivo específico da pesquisa foi investigar as fontes de conhecimento de seis treinadores de jovens atletas de basquetebol. Diante das análises realizadas foi possível identificar pelo menos seis fontes distintas de conhecimento que sustentam a formação e o desenvolvimento profissional dos treinadores pesquisados, quais sejam: a internet (cinco treinadores), a experiência como atleta (quatro treinadores), o diálogo com outros treinadores (quatro treinadores), a experiência prática do dia-a-dia como treinador (quatro treinadores), o curso de Educação Física (três treinadores) e os cursos específicos da modalidade (três treinadores). Esse quadro heterogêneo de fontes de conhecimento reforça o processo de aprendizagem profissional como uma construção individual (WERTHER; TRUDEL, 2009), balizado pelas experiências pessoais em contextos distintos de educação e de prática (CUSHION, 2010).

Esses caminhos sinuosos que os treinadores trilham, influenciam diretamente a própria concepção sobre o que representa ser um treinador esportivo e quais os conhecimentos necessários para a sua prática. Essa rede de crenças, valores, experiências influencia na

forma com que os treinadores entendem seu trabalho e encaram seus atletas, formando a base da sua filosofia de trabalho (CASSIDY; JONES; POTRAC, 2009).

As fontes de conhecimento citadas pelos participantes corroboram os principais recursos utilizados por treinadores de jovens (RAMOS et al., 2011; WINCHESTER; CULVER; CAMIRÉ, 2013), de atletas de elite (ERICKSON; CÔTÉ; FRASER-THOMAS, 2007; IRWIN; HANTON; DAVID, 2004) e de atletas do esporte adaptado (DUARTE; CULVER, 2014), verificados em estudos nacionais e internacionais com diferentes modalidades esportivas.

No presente estudo, os treinadores citaram substancialmente o maior número de fontes de conhecimento em contextos informais comparado aos contextos formais e não formais (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2016). A aprendizagem em contexto informal está ligada ao conceito de aprendizagem auto-dirigida (WERTHNER; TRUDEL, 2009). Nesta perspectiva, o treinador acessa conteúdos de fontes diversificadas quando possui a necessidade de resolver um problema de sua prática (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006;). De fato, a aprendizagem em contextos informais, parece formar a base do conhecimento para atuar como treinador esportivo em qualquer ambiente (STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Apesar dos treinadores reconhecerem a aprendizagem formal e não-formal como importantes na sua trajetória profissional, os significados atribuídos à aprendizagem experiencial em que os treinadores passam ao longo da sua vida, são ligados a uma rede de sentimentos, emoções (JARVIS, 2006) e formam a base de seus valores, crenças, atitudes e concepções que são desenvolvidos desde a infância e os influencia na sua prática profissional (CUSHION, 2010; MALLET et al., 2009).

Ao olharmos para esses dados, constatamos a prevalência das aprendizagens que ocorrem no terreno profissional, alinhadas à ideia de desenvolvimento profissional. Todavia, o que surpreende e, ao mesmo tempo, preocupa é que essas experiências não são resultado de iniciativas intencionais e planejadas. Ou seja, ficam na dependência do investimento pessoal dos treinadores e subordinadas ao tipo de contexto que cada treinador tem acesso.

A fonte de conhecimento com maior destaque entre os participantes no contexto informal de aprendizagem foi o uso frequente da internet. Apesar de uma ferramenta relativamente nova para os treinadores, o uso da internet tem sido amplamente utilizadas por treinadores para enfrentar os desafios imediatos da prática cotidiana (WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; MESQUITA; ISIDORO; ROSADO, 2010; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016). Atualmente, a internet têm se tornado uma das principais vias de comunicação, com grande capacidade e velocidade na atualização dos mais variados assuntos, disponibilizados instantaneamente de qualquer lugar do mundo. Por esses motivos, a busca de novos conhecimentos na internet ganha força na atual configuração social, com programas de ensino a distância, aproximando treinadores na construção de novas intervenções no campo esportivo (TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013).

A experiência como atleta foi reconhecida por alguns treinadores entrevistados, como a primeira fonte de conhecimento percebida na constituição de saberes ligados ao contexto do basquetebol. Essas experiências esportivas são destacadas na literatura, sendo responsáveis por apresentar aos praticantes o universo da modalidade, demonstrando os

significados e tradições da prática esportiva (RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2016; RAMOS et al., 2011). Paralelamente, a experiência como atleta também é responsável em oferecer uma compreensão preliminar sobre o perfil profissional de um treinador, e dar suporte para a escolha da carreira e se manter no contexto esportivo (BRASIL et al., 2015). Nessas oportunidades de aprendizagem, os entrevistados destacaram conhecimentos relacionados à relação treinador-atleta. Ao vivenciarem a prática como jogadores, os treinadores têm a possibilidade de se colocar no lugar de seus atletas em diferentes circunstâncias, de modo a refletir sobre suas decisões e a melhor forma de expressá-las, desenvolvendo sua capacidade de comunicação, importante característica de treinadores de basquetebol (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Deste modo, após iniciarem a sua carreira como treinadores, a experiência prática tornou-se uma das principais fontes de conhecimento referida pelos participantes. Os conteúdos valorizados pelos entrevistados estão ligados à sintetização de conhecimentos, à reflexão e à adaptação dos treinamentos. A base da aprendizagem no ambiente de trabalho ocorre por meio dos dilemas enfrentados na prática diária dos treinadores (GILBERT; TRUDEL, 2001). Segundo Ramos et al. (2011) que também investigou treinadores de jovens no basquetebol, o cotidiano da prática profissional parece exigir um tipo de conhecimento contextualizado obtido a partir da resolução de problemas práticos presentes em sua rotina. Tomando como referência o trabalho de Shön (1981), Brasil et al. (2015) advogam que características desse processo formativo são sustentadas por aprendizagens baseadas na prática reflexiva, isto é, ao se depararem com os desafios do trabalho, os treinadores avaliam retrospectivamente seus saberes e passam a produzir conhecimentos em estreita relação com as demandas do contexto de treinamento. Portanto, por meio do processo reflexivo, os treinadores produzem conhecimento útil ao treinamento, o que permite solucionar os problemas que emergem da prática cotidiana (GILBERT; TRUDEL, 2001).

O compartilhamento de informações também foi apontado como valorosa fonte de conhecimento pelos entrevistados. O diálogo com outros treinadores foi sugerido como uma oportunidade de aprendizagem capaz de oferecer ideias, reflexões sobre a própria prática e a prática dos colegas. Nesse aspecto, o treinador mais jovem ou menos experiente busca apoio na prática e nos conselhos de um treinador mais experiente, o que configura um tipo de educação artesanal, da escola de ofício (SOUZA NETO, 2005), onde o discípulo (aprendiz) aprende pelos atos de fazer junto, observar e/ou aconselhar-se com o mestre.

Ao investigar 320 profissionais de diferentes modalidades esportivas, Stoszowski e Collins (2016) demonstraram que o diálogo e a observação de colegas é a fonte de conhecimento mais utilizada entre os treinadores. Esse processo de socialização profissional vai além de apenas aquisição de conhecimentos, por exemplo, Callary, Werthner e Trudel (2011) destacaram valores desenvolvidos, nomeadamente a honestidade e a preocupação com o bem estar dos colegas. Já no estudo de Ramos et al. (2011) as vivências com outro treinador colaborou para motivação de um dos seus treinadores investigados em se profissionalizar na área. De acordo com Fenoglio e Taylor (2014), por essas experiências serem ligadas a sentimentos e emoções à pessoas admiradas (treinadores mais experientes), podem ser consideradas oportunidades de aprendizagem transformativa, que acaba acarretando

em mudanças de crenças e concepções, atingindo impactos no próprio comportamento dos treinadores.

A aprendizagem em contexto formal (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006) foi evidenciada pelas experiências durante o curso de Educação Física. As experiências na formação inicial foram lembradas por metade dos treinadores e permitiu a apropriação de conhecimentos variados, relacionados aos aspectos biológicos, comportamentais, socioculturais, e também informações gerais sobre a modalidade. Pelo reconhecimento da profissão no ano de 1998, a passagem nos bancos universitários tornou-se obrigatória para se tornar treinador de basquetebol no Brasil (BRASIL, 1998). Apesar da regulamentação ser relativamente recente, os relatos apresentados pelos treinadores, vão ao encontro das principais evidências nacionais (RAMOS et al., 2011; RODRIGUES; PAES; SOUZA NETO, 2016; TOZETTO, 2016) e internacionais (NASH; SPROULE, 2012) sobre a aprendizagem formal.

Entre as vantagens em frequentar cursos superiores ou programas de certificação de treinadores está o acesso ao conhecimento de especialistas, o domínio de conceitos teóricos, o entendimento dos processos didáticos no esporte, entre outros (MALLETT et al., 2009). Entretanto, algumas críticas tem sido endereçadas à aprendizagem formal, a qual não considera toda a complexidade da atividade do treinador esportivo, e que, por meio de estratégias altamente prescritivas, acaba desenvolvendo conteúdos de maneira abstrata (CUSHION; NELSON, 2013). Assim, em muitos casos, os treinadores percebem essas experiências como apenas uma formalidade para conquistar sua habilitação profissional (NUNOMURA et al., 2012).

A aprendizagem em contexto não-formal foi reportada pelos participantes como a participação na Escola Nacional de Treinadores de Basquetebol. Apesar dos cursos de formação específica serem ministrados em formato de curta duração, apresentando limitações similares à preparação formal no que se refere as estratégias de ensino, essas oportunidades oferecem aos treinadores informações relevantes da sua prática (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006; TOZETTO, 2016). Além disso, nesses ambientes são oportunizados momentos de interação com outros profissionais ou colegas, ampliando a compreensão dos treinadores em relação a determinado conteúdo (MALLETT et al., 2009). Dessa forma a aprendizagem não-formal, possui características dos contextos formais e informais, reconhecidos como importantes oportunidades para acessar novos conhecimentos, bem como trocar informações sobre conteúdos característicos do *coaching* (CUSHION, 2010).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação do treinador esportivo é um tema emergente e de extrema relevância no campo da Educação Física e Ciências do Esporte, uma vez que esse profissional é fundamental na formação de jovens atletas e no sucesso de equipes adultas.

No âmbito desse debate, o objetivo deste trabalho foi investigar a formação profissional e o desenvolvimento profissional de treinadores, com enfoque na investigação sobre as fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas.

Os resultados encontrados indicam que as principais fontes de conhecimento dos treinadores pesquisados são: a internet, o diálogo com outros treinadores, a experiência como atleta, as experiências adquiridas no dia-a-dia como treinador, a formação universitária no curso de Educação Física e os cursos específicos da modalidade.

Ao analisarmos as fontes de conhecimento apontamos que a formação do treinador esportivo é resultado da interação entre diversas fontes e que este processo é contínuo durante sua carreira, entretanto observa-se a predominância de situações de aprendizagem no contexto informal, fora do contexto educacional institucionalizado. Ou seja, a formação e o desenvolvimento profissional dos treinadores investigados segue um percurso marcado pelo investimento pessoal e pelas fontes disponíveis e acessíveis a cada um dos treinadores.

Os resultados revelaram ainda que os cursos de Educação Física têm influência sobre os conhecimentos valorizados pelos treinadores, nomeadamente, os saberes técnicos e os saberes advindos das ciências do esporte, o que sugere uma influência relativa dos cursos de Educação Física na formação para ser treinador, porém o curso de Educação Física parece não exercer um papel decisivo enquanto fonte de conhecimento dos treinadores, ao mesmo tempo os resultados encontrados não nos permite desprezá-lo.

Vale lembrar que os resultados encontrados se referem à realidade de seis treinadores da região metropolitana da cidade de Goiânia, no estado de Goiás. Portanto, apesar dos dados corroborarem os achados de pesquisas nacionais e internacionais, há necessidade de aprofundamento da realidade local e estadual, e cautela na generalização do que foi encontrado.

Por fim, nosso estudo aponta a emergência da internet como fonte privilegiada de conhecimento dos treinadores. Em pesquisas futuras, recomenda-se aprofundar o entendimento sobre as formas de utilização dessa ferramenta por parte dos treinadores. Quais sites, blogs e canais são acessados? Quais conteúdos são privilegiados? Como se dá a análise crítica e a transposição didática dos conteúdos para a realidade do treino? Em face da ampla utilização dessa fonte de conhecimento é imperioso investigá-la, problematizando suas virtudes e limitações, vislumbrando possibilidades de integrá-la às propostas de formação e desenvolvimento profissional de treinadores.

## REFERÊNCIAS

- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**. Editora Porto. Porto, 1994.
- BRASIL. Lei 9.696 de 01 de setembro de 1998. **Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Brasília: Ministério da Educação, 1998**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9696.htm). Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.
- BRASIL, Vinicius Zeilmann et al. Trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 815-829, 2015.

- CALLARY, Bettina; WERTHNER, Penny; TRUDEL, Pierre. Shaping the way five women coaches develop: Their primary and secondary socialization. **Journal of Coaching Education**, v. 4, n. 3, p. 76-125, 2011.
- CASSIDY, Tania; JONES, Robyn; POTRAC, Paul. **Understanding sports coaching: the social, cultural and pedagogical foundations of coaching practice**. 2 ed. New York: Routledge, 2009. 232p.
- CÔTÉ, Jean; GILBERT, Wade. Na integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v. 4, n. 3, p. 307-323, 2009.
- CUNHA, Ana Filipa Vasquez Paulo; ESTRIGA, Maria Luísa Dias; BATISTA, Paula Maria Fazendeiro. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de andebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. **Revista Movimento**, Porto Alegre v.20, n.3, p. 917-940, 2014.
- CUSHION, Christopher; ARMOUR, Kathy; JONES, Robyn. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, London, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.
- CUSHION, Christopher. Coach behavior. In: LYLE, John; CUSHION, Christopher. (Orgs.). **Sports coaching: Professionalisation and practice**. Edinburgh, UK: Churchill Livingstone, 2010.
- CUSHION, Christopher; LYLE, John. Conceptual development in sports coaching. In: \_\_\_\_\_. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice**. London: Elsevier, 2010. Cap. 1, p. 1-13.
- CUSHION, Christopher; NELSON, Lee. Coach education and learning: developing the field. In: Potrac, Paul; Gilbert, Wade; Denison, Jim. **Routledge handbook of sports coaching**. London: Routledge, 2013, p. 359-374.
- DUARTE, Tiago; CULVER, Diane. Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**, v. 26, p. 441-456, 2014.
- ERICKSON, Karl; CÔTÉ, Jean; FRASER-THOMAS, Jessica. Sport experiences, milestones, and educational activities associated with high-performance coaches' development. **The sport psychologist**, v. 21, n. 3, p. 302-316, 2007.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 2ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, p. 79, 2007.
- FENOGLIO, Rick; TAYLOR, Willian. From winning-at-all-costs to Give Us Back Our Game: perspective transformation in youth sport coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 19, n. 2, p. 191-204, 2014.
- GALATTI, Larissa Rafaela et al. Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v.3, n.3, p. 316 – 331, 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. Atlas. São Paulo, 2008. 200 p.

- GILBERT, Wade; TRUDEL, Pierre. Learning to coach through experience: reflection in Model Youth Sport Coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 21, p. 16-34, 2001.
- \_\_\_\_\_. Analysis of coaching science research published from 1970-2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, London, v. 75, n. 4, p. 388-399, 2004.
- INTERNATIONAL SPORT COACHING FRAMEWORK (ISCF) - Version 1.2. **International Council for Coaching Excellence (ICCE)**, Association of Summer Olympic International Federations (ASOIF), Leeds Metropolitan University (LMU), Champaign: Human Kinetics, 2013.
- IRWIN, Gareth.; HANTON, Sheldon.; KERWIN, David. Reflective Practice: International and Multidisciplinary Perspectives. **Reflective Practice**, v. 5, n. 3, oct. 2004.
- JARVIS, Peter. **Towards a Comprehensive Theory of Human Learning**. London: Routledge, p. 218, 2006.
- JIMÉNEZ, Sergio; LORENZO, Antonio; GÓMEZ, Miguel Àngel. Medios de formación de los entrenadores expertos en baloncesto. **CCD**, Madrid, v.4, n.11, p. 119-125, 2009.
- LEMYRE, François; TRUDEL, Pierre; DURAND-BUSH, Natalie. How youth-sport coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, Champaign, Illinois, v. 21, p. 191-209, 2007.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. E.P.U. São Paulo, 1986.
- MALLET, Clifford et al. Formal vs informal coach education. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 4, n. 3, p. 325-334, 2009.
- MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo: Revista de Ciências da Educação**, Lisboa, n. 8, p. 7-22, 2009.
- MESQUITA, Isabel; ISIDRO, Sofia; ROSADO, António. Portuguese coaches' perceptions of and preferences for knowledges sources related to their professional background. **Journal of Sports Science and Medicine**, v. 9, p. 480-489, 2010.
- MILISTETD, Michel et al. Coaching and Coach Education in Brazil. **Internacional Sport Coaching Journal**, v.1, p. 165-172, 2014.
- NASH, Christine; SPROULE, John. Coaches perceptions of their coach education experiences. **International Journal of Sport Psychology**, v.43, n.1, p.33-42, 2012.
- NELSON, Lee; CUSHION, Christopher; POTRAC, Paul. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006
- NUNOMURA, Myriam et al. Ginástica artística competitiva e a filosofia dos técnicos. **Motriz**, Rio Claro, v. 18, n. 4, p. 678-689, out./dez. 2012.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia. Desenvolvimento profissional de professores. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Formação de professores: aprendizagem profissional e acção docente**. Porto/PT: Porto Editora, 2009. p. 221-283.
- RAMOS, Valmor et al. A aprendizagem profissional - As representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Revista Motriz**, Rio Claro, v. 17, n.2, p. 280-291, 2011.
- RODRIGUES, Heitor de Andrade; PAES, Roberto Rodrigues; SOUZA NETO, Samuel de Souza. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo

- de aquisição de saberes. **Movimento**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 509-521, 2016.
- SCHÖN, Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 256 p.
- SOUSA NETO, Manuel Fernandes. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Caderno Cedes**, Campinas/SP, v. 25, n. 66, p. 249-259, 2005.
- STOSZKOWSKI, John; COLLINS, Dave. Sources, topics and use of knowledge by coaches, **Journal of Sports Sciences**, v. 34, n. 9, p. 794-802, 2016.
- TOZETTO, Alexandre Vinícius Bobato. **Desenvolvimento profissional de treinadores de futebol: perspectiva de aprendizagem ao longo da vida**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2016. 147 p.
- TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade. Coaching and coach education. In: KIRK, David.; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary. **Handbook of Physical Education**. London: Sage, 2006. p. 516-539.
- TRUDEL, Pierre; GILBERT, Wade; WERTHNER, Penny. Coach education effectiveness. In: LYLE, John; CUSHION, Christopher. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice**. London: Elsevier, 2010. Cap. 9, p. 135-152.
- TRUDEL, Pierre; CULVER, Diane; WERTHNER, Penny. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, Paul; GILBERT, Wade; DENISON, Jim. (Org). **Routledge handbook of sports coaching**. London: Routledge, 2013. p. 375-387.
- WERTHNER, Penny; TRUDEL, Pierre. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, Champaign, Illinois, v. 20, p. 198-212, 2006.
- \_\_\_\_\_. The Idiosyncratic Learning Paths of Elite Canadian Coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 4, n. 3, p. 432-449, 2009.
- WINCHESTER, Geoff; CULVER, Diane; CAMIRÉ, Martin. Understanding how Ontario high school teacher-coaches learn to coach. **Physical education and sport pedagogy**, v. 18, n. 4, p. 412-426, 2013.
- WRIGHT, Trevor; TRUDEL, Pierre; CULVER, Diane. Learning how to coach: the different learning situations reported by youth ice hockey coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 12, n. 2, p. 127-144, jun. 2007.

Recebido em: junho/2016

Aprovado em: fevereiro/2017